

# A história do Rio Grande do Sul através de ficções cinematográficas baseadas na cultura regional

*Liliane I. Pinheiro*<sup>1</sup>

doi.org/10.47585/eici2022.02.02

## Introdução

O cinema, há mais de cem anos, vem nos transportando para locais, eventos e épocas, que antes de sua criação habitavam apenas nosso imaginário através da literatura. A sétima arte deu vida a fatos históricos, cotidianos e à fantasia. Desde as primeiras películas até os dias atuais, as produções fílmicas sofreram grandes transformações; entre o cinema mudo, em fins do século XIX e começo do século XX, e as fantásticas obras hollywoodianas do século XXI, o cinema passou por mudanças estruturais, sociais, políticas e tecnológicas, mas, sem dúvidas, esta arte veio para ficar, seja por representação do passado, difusão ideológica ou idealização do futuro, os filmes fazem parte do dia a dia e com o passar do tempo saíram das grandes salas escuras e passaram a habitar as salas de nossas casas. Nos aproximamos da sétima arte e ela se transformou em fonte histórica, de estudo e também de lazer.

Normalmente, a comunidade em geral acredita que os filmes trazem em sua trama a história descrita de forma fidedigna, mas isso não é real, as produções cinematográficas não têm o compromisso com a realidade. O diretor e o roteirista dispõem da licença poética para tornar o enredo mais atrativo e comercial. Quando o professor utiliza filmes em sala de aula, toda a atividade deve ser elaborada de forma sistematizada para que os alunos não tenham a ideia de que o filme está sendo apresentado apenas para passar o tempo. É importante que o docente analise a obra, se o tema do filme está de

---

1 Acadêmica do Curso de História do Centro Universitário da Região da Campanha - URCAMP | E-mail: lilianeipinheiro@gmail.com

acordo com o conteúdo trabalhado em aula, se o tempo previsto para a atividade é suficiente para uma apresentação total ou parcial das cenas, ter um roteiro de atividade para direcionar os alunos, são alguns dos métodos necessários. Ao trabalhar com o audiovisual, o profissional deve ter o conhecimento da obra para que possa trabalhar e identificar os temas reais e diferenciá-los dos fictícios. Nessa lógica, a presente pesquisa visa responder a seguinte problemática: Como trabalhar a história do Rio Grande do Sul através de ficções cinematográficas baseadas na cultura regional?

Tendo como objetivo analisar como podemos trabalhar a história do Rio Grande do Sul através de ficções cinematográficas baseadas na cultura regional. Conceituando o cinema e as representações fílmicas; historicizando as principais produções cinematográficas no Brasil e no Rio Grande do Sul e por fim, verificando como a história rio-grandense é retratada nos filmes: *Anahy de las Misiones* (1997), *Netto Perde sua Alma* (2001) e *O Tempo e o Vento* (2012).

Como se trata de análise fílmica, a teoria mais adequada é a História Cultural porque, segundo Peter Burke (2008), hoje, a história da arte é cada vez mais vista como história cultural e o cinema desenvolveu-se e aprimorou-se conquistando o status de sétima arte e os 'estudos do cinema' têm sua origem através dos estudos culturais, desenvolvidos primeiramente na Grã Bretanha por Raymond Williams, Richard Hoggart e Stuart Hall (BURKE, 2008, np).

## Desenvolvimento

As análises foram feitas sobre filmes que relatam a história social regional tendo como pano de fundo cenários do sul do Brasil e que, ainda dentro da teoria da história cultural, Roger Chartier (2002, p. 16-17) nos diz que “a história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”, ajudando na investigação do pesquisador.

Para a pesquisa, foram utilizados filmes, pré-selecionados, que serão as fontes deste trabalho, pois, conforme Napolitano (2005), os filmes potencializam o efeito de realidade, através das imagens, que mesmo apenas ficcionais, tem a capacidade de representar o fato real, mesmo que limitado ao mundo da ficção. Filmes são compostos de fragmentos de cenas, neste caso serão escolhidos alguns trechos das obras selecionadas, pois:

Classicamente, costumou-se dizer que um filme é constituído de sequências - unidades menores dentro dele, marcadas por sua função dramática e/ou pela sua posição na narrativa. Cada sequência seria constituída de cenas - cada uma das partes dotadas de unidade espaço-temporal (XAVIER, 2021, p. 27).

Das obras ficcionais escolhidas, foram selecionadas as cenas que tratam da realidade da mulher sulina em diferentes tempos e cenários; do morador nômade que vive nos campos; dos

lanceiros negros durante a Guerra dos Farrapos; do indígena que lutou e perdeu sua vida na Guerra Guaránítica; do homem sul-rio-grandense que vive em constante combate. Todos representados e eternizados, no cinema e na história.

O cinema pode ser considerado uma importante fonte para o estudo de história, pois traz representações do que habita o imaginário do homem. Segundo Meirelles:

O Cinema pode, portanto, fazer parte do elenco das fontes da História. Pelo que representa como criação e como manifestação do imaginário. Por envolver um complexo processo econômico produtivo. Pela quantidade de informações que contém e que nem sempre correspondem exatamente aos objetivos de seus autores. Pelo valor enquanto testemunho de uma sociedade e de uma época. Como um campo de possibilidades para resgatar ações de diferentes grupos humanos atuando nas várias dimensões do social (1997, p. 121).

É fato que o cinema conta várias histórias, desde o fantástico até acontecimentos reais. Desde o começo do século XX, o cinema e a história mantêm uma estreita relação em que se utilizam mutuamente, o cinema enriquecido pela história, e a história representada no cinema (NAPOLITANO, 2005).

Alguns autores apontam que os primeiros passos do cinema foram dados em dezembro de 1895, através da iniciativa dos irmãos Lumière. Esses dois irmãos franceses, se utilizavam de uma máquina chamada de cinematógrafo. E, na França do século XIX, era assim que a mágica acontecia e as imagens ganhavam movimento.

No Brasil, a primeira projeção cinematográfica aconteceu na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1896. A cidade, na época, capital da república, tinha grande fluxo de população. A notícia sobre a inauguração foi transcrita por Roberto Moura em capítulo escrito para o livro História do Cinema Brasileiro, organizado por Fernão Ramos:

OMINIOGRAPHO - Com este nome, tão hibridamente composto, inaugurou-se ontem às duas horas da tarde, em uma sala à Rua do Ouvidor, um aparelho que projeta sobre uma tela colocada ao fundo da sala diversos espetáculos e cenas animadas, por meio de uma série enorme de fotografias. Mais desenvolvido do que o Kinetoscópio, do qual é uma ampliação, que tem a vantagem de oferecer a visão, não a um só espectador, mas a centenas de espectadores, cremos ser este o mesmo aparelho a que se dá o nome de *cinematógrafo* (RAMOS, 1987, p.15).

Poucos anos depois São Paulo recebe a primeira sessão de que se tem notícia. Próxima da capital da República e com a crescente produção de café, São Paulo, junto ao Rio de Janeiro, figuram como as principais cidades brasileiras. Em matéria do jornal O Comércio, da mesma cidade, do dia 13 de Fevereiro de 1898, encontra-se a seguinte matéria: “TEATRO APOLO - Estreia hoje a Cia de Novidades excêntricas do Dr. Cunha Sales. Será exibido o Cinematógrafo Lumière, que tanto agradou na Capital Federal” (RAMOS, 1987, p. 19).

No Rio Grande do Sul, a primeira apresentação do cinematógrafo foi realizada em Porto Alegre na Rua da Praia, em 1896, pelo francês Georges Renouveau. A cidade estava se urbanizando e o cinema aparece como característica desse período.

Fazendo uma análise nos filmes produzidos no extremo sul do Brasil na época, é possível notar a temática do campo como principal norte para as produções filmicas, como nos descreve Rossini:

Desde os primórdios do cinema gaúcho que a realização de filmes com base no elemento campesino é uma constante. Um dos primeiros filmes feitos no Rio Grande do Sul, *Ranchinho do Sertão*, de 1912/13, dirigido pelo imigrante alemão Eduardo Hirtz, instaura a temática rural em nosso cinema. Pela mesma época, o imigrante português Francisco dos Santos estava dando início ao seu estúdio cinematográfico em Pelotas, rodando filmes também ambientados no meio rural, como *O crime dos banhados*, 1913, sobre o assassinato de uma família inteira por desavenças política, ou *A mulher do chiqueiro*, 1914, sobre uma esposa que fora trancafiada pelo marido num chiqueiro. Esses são exemplos do início do cinema gaúcho que já trazia a marca do rural, que por sua vez tornou-se a marca do gaúcho (2007, p. 2-3).

Trazer o cinema para a sala de aula faz com que os educandos enxerguem, através das imagens e cenas, fatos históricos encontrados nos livros e na narrativa do professor. Esse método que une cinema e história, de forma didática, vem se tornando mais frequente nas escolas. Segundo Sthephanou (2010), “o uso da imagem é vital para ajudar a materializar o conhecimento histórico, para aproximar a História do nosso cotidiano e para mostrar que a História é um processo vivo”.

Desta forma a escolha dos filmes aqui citados, pretende trazer a relação de fatos históricos da cultura sul-rio-grandense com o que é representado em cenas específicas destas produções nacionais.

Começando pelo filme *Anahy de las Misiones* (1997), do diretor Sérgio Silva, encontramos uma história toda ambientada nos anos em que acontecia no Rio Grande do Sul a Guerra dos Farrapos. Consequentemente, também é um dos eventos mais retratados nos filmes rio-grandenses, como ocorre na trama que se passa no meio rural contando a história de Anahy (Araci Esteves) e seus três filhos, Solano (Marcos Palmeira), Teobaldo (Cláudio Gabriel), Leon (Fernando Alves Pinto) e a filha, Luna (Dira Paes).

Anahy é uma mulher forte e aguerrida que comanda a família sob rédeas curtas; o clã de Anahy anda pelos pampas sempre atrás da guerra, pois tiram dela seu sustento.

Ainda analisando a película, podemos ver como era a vida de quem não vivia nas fazendas, não plantava nem criava gado, mas que dormia sob as estrelas tirando da natureza grande parte de sua subsistência. Anahy e os filhos viviam como nômades, lavando roupa e tomando banho nos rios (Imagem 1)<sup>2</sup>, cozendo seus alimentos ao pé do fogo de chão (Imagem 2). Encontramos aqui mais uma desconstrução do ‘gaúcho’ que vive sobre o lombo do cavalo, com o laço na mão, ou em armas protegendo suas propriedades nas frequentes disputas em suas fronteiras (FLORES, 1989, p. 13).

---

2 Imagem 1 e 2: Cena do filme *Anahy de Las Misiones*.

Imagem 1.



Fonte: *Printscreen do filme.*

Imagem 2.



Fonte: *Printscreen do filme.*

O próximo título a ser analisado é, *Netto Perde sua Alma* (2001) de Tabajara Ruas e Beto Souza, filme muito querido pelos apreciadores da história local, o enredo traz a saga do General Antônio de Souza Netto, suas batalhas, amores, sua relação com os negros durante a Guerra dos Farrapos e seus dias finais no Hospital de Corrientes, após ser ferido na Guerra do Paraguai.

Já nos primeiros minutos da produção temos a contextualização dos fatos, onde encontramos o General ferido durante a Guerra do Paraguai e enviado para o Hospital Militar de Corrientes em 1866. A Guerra do Paraguai foi a última batalha na qual Netto atuou.

O ponto mais forte do filme e que o professor pode abordar em aula através desta produção, é a atuação do homem negro na Guerra dos Farrapos, sua importância nas batalhas junto ao Corpo dos Lanceiros Negros (Imagem 3 e 4)<sup>3</sup>, trazendo posteriormente o estudo e análise da Batalha de Porongos.

Imagem 3.



Fonte: *Printscreen do filme.*

Imagem 4.



Fonte: *Printscreen do filme.*

Com a abordagem da atuação do negro na Guerra dos Farrapos o professor traz uma parcela invisibilizada da população, da qual se encontra pouca pesquisa e bibliografia disponível, segundo Carrion (2008). Através do filme será possível ao aluno, visualizar como se davam as batalhas e como era a vida de quem viveu os dez longos anos da chamada Revolução Farroupilha, com enfoque principal na divisão afro que resistia junto ao exército farroupilha, comandados pelo Major Joaquim Teixeira Nunes.

<sup>3</sup> Imagem 3 e 4: Cenas do filme *Netto Perde sua Alma*.

[...] agora a república adicionava esta força permanente, organizando o batalhão, que denominou de lanceiros, composto dos escravos, que por violência os rebeldes arrebatavam das estâncias dos legalistas, ou que voluntariamente procuravam os estandartes da rebeldia, convidados pela esperança da libertação, ou que compravam aos possuidores amigos do governo republicano. De três fontes, pois, provinham os escravos alistados no exército rebelde: extorsão aos adversários, convenção com amigos, convite ao oprimido! Foi o primeiro meio, que trouxe às armas da rebeldia o maior número de escravos. [...] na escravidão achariam os rebeldes poderoso auxílio para manter a causa que eles denominavam da liberdade (ARARIPE *apud* CARRION, 2008, p. 10-11).

Aos negros que lutassem nas fileiras do exército republicano, era-lhes prometido a alforria, o que evidentemente não ocorreu. No ano de 1844, quando já se extinguíam as forças da República Rio-grandense, as conversações entre os líderes farroupilhas e os imperiais, na figura de Barão de Caxias, evoluíram para um acordo de paz, que traria alguns benefícios aos farrapos, benefícios estes que não se estendiam aos lanceiros negros.

Aqui neste ponto o professor pode introduzir o covarde ataque a Porongos, descrito na obra de Moacyr Flores:

[...] Francisco Pedro de Abreu, seguindo instruções de Caxias e contando com a conivência de Canabarro, atacou o acampamento da infantaria republicana, a 14/11/44, em Porongos, composta unicamente de negros, pois o Império não queria incluí-los na anistia. Canabarro ordenou que os negros fossem desarmados na noite anterior, com a desculpa de que eles poderiam se revoltar. [...] Assassinaram toda a infantaria negra republicana porque o Império não queria incluir os libertos na anistia (1990, p. 82).

Assim é possível trabalhar desmistificando personagens, incitando no aluno uma visão crítica, observadora, que lhe agrega conhecimento da história, da cultura e das etnias que a compõem.

Por fim, a última obra a ser analisada é *O tempo e o Vento* (2012), baseado na obra de Érico Veríssimo e dirigido por Jayme Monjardim, o filme remonta momentos históricos fundamentais para a formação da identidade sulina, abarcando desde a época das Missões Jesuíticas até a Revolução Federalista no final do século XIX.

Ao assistir e analisar historicamente a película, podemos retirar três principais assuntos a serem pontuados. O período das Missões e da Guerra Guaranítica; o papel da mulher gaúcha; e as características dos homens sul-rio-grandenses que pareciam ter prazer em ‘pelear’.

Durante as Missões Jesuíticas, essas reduções deram origem ao que hoje conhecemos como os Sete Povos das Missões que na época eram compostos por, Santo Ângelo Custódio, São Francisco de Borja, São Luiz Gonzaga, São Nicolau, São Lourenço Mártir, São Miguel Arcanjo e São João Batista (CORDEIRO, 2016).

E é neste momento que o professor deve introduzir o conteúdo de uma das batalhas mais sangrentas da historiografia sul-rio-grandense, a Guerra Guaranítica (Imagens 5 e 6)<sup>4</sup>, na qual “os

4 Imagens 5 ao 12: Cenas do filme *O Tempo e o Vento*.

guaranis, com um conhecimento militar, obtido a partir de processos em torno da proteção de fronteiras, declaram guerra aos seus colonizadores.” (FAGUNDES, 2021, p. 26).

Imagem 5.



Fonte: *Printscreen do filme.*

Imagem 6.



Fonte: *Printscreen do filme.*

Observamos nessas análises que o professor tem um leque de representações que podem ser adaptadas para a sala de aula tornando o assunto mais atraente e estimulante. Como declara Napolitano:

Quanto mais elementos da relação ensino-aprendizagem estimularem o interesse do aluno e quanto mais a alfabetização, no sentido tradicional da expressão, estiver avançada, tanto mais o uso do cinema em sala de aula será otimizado (2005, p. 16).

As próximas observações trazem a figura da mulher em diferentes tempos e espaços. A princípio temos a figura de Ana Terra (Cléo Pires), jovem que vive na campanha gaúcha, sob a tutela dos pais e proteção do irmão mais velho, vive uma vida pacata auxiliando a mãe nas atividades da casa, inclusive na separação da lã para a roca, pois no Rio Grande do Sul a mulher, principalmente a rural, dedicava-se a tecelagem doméstica do linho, algodão e lã (SAINT-HILAIRE apud FLORES, 1989, p. 17).

Comparando a personagem de Ana Terra com a de Anahy, do filme *Anahy de las Misiones*, temos duas mulheres que vivem no meio rural, porém, uma vive pelos campos na busca do sustento da família e a outra vive sob um teto que, embora simples, lhe traz estabilidade. Mas, mesmo sob essa proteção, nada impede que Ana perca sua família e seja violentada quando a propriedade do pai é invadida por castelhanos (Imagem 7).

O tempo passa e mais adiante no filme encontramos a personagem de Bibiana (Marjorie Estiano), neta de Ana Terra. Diferentemente da avó, Bibiana é criada no pequeno vilarejo de Santa Fé. Aqui já vemos uma mulher que vive na cidade, tem mais conforto em sua casa e, através das atividades domésticas, aprende a ser uma boa esposa e boa mãe. Pois naquele período, “a mulher não aspira outra coisa senão se casar, e logo que o consegue não deve cuidar de outra coisa senão em fazer a felicidade do marido, cuidando no arranjo de sua casa e na boa educação dos filhos, se os tem [...]” (FLORES, 1989, p. 16).

Outra característica da mulher gaúcha, destacada no filme, é a sina de esperar. Assim, quando Bibiana casa com o capitão Rodrigo está ciente da paixão que o marido alimenta pela guerra

e pelas batalhas, e quando a Revolução Farroupilha se inicia em 1835, logo o capitão parte, deixando Bibiana em uma longa espera (Imagem 8).

Imagem 7.



Fonte: *Printscreen do filme.*

Imagem 8.



Fonte: *Printscreen do filme.*

Durante a obra são lembrados 200 anos de história do Rio Grande do Sul, grande parte desses dois séculos foi em meio à guerra. Inclusive na figura do trabalhador rural já se vê o homem pronto para o combate.

O gaúcho era um soldado pronto. Para as suas lides normais dispunha de cavalo, arreios, faca e outros utensílios de sobrevivência no pampa, que ele desenvolvera ou copiara dos nativos. De changador transformou-se fácil num soldado regional. Na extremidade do garrucho, uma haste de madeira comprida com uma lâmina em meia lua na ponta, para desgarronar o gado e depois sangrá-lo e tirar-lhe o couro, na ponta de sua ferramenta de changador ele colocou sua faca e obteve uma lança (BENTO, 1996, p. 4).

Durante o filme *O Tempo e o Vento* nos deparamos com a Guerra Guaranítica a ferocidade dos castelhanos quase acabando com a vida de Ana Terra; posteriormente vemos os moradores de Santa Fé se articulando para combater, novamente, o ataque dos castelhanos (Imagem 9); anos depois durante a Guerra dos Farrapos (Imagem 10) é possível notar a felicidade do Capitão Rodrigo Cambará indo para a guerra e logo após perdendo sua vida nela (Imagem 11). Por fim, a obra se encerra com a sangrenta Revolução Federalista de 1893/95, onde os Terra-Cambará e os Amaral (Imagem 12) travam ferrenha luta.

Imagem 9.



Fonte: *Printscreen do filme.*

Imagem 10.



Fonte: *Printscreen do filme.*

Imagem 11.



Fonte: *Printscreen do filme.*

Imagem 12.



Fonte: *Printscreen do filme.*

Os filmes *Anahy de las Misiones* (1997), *Netto perde sua Alma* (2001) e *O Tempo e o Vento* (2012) se constituem como clássicos do cinema regional, por isso os escolhemos para responder a problemática que norteou o presente trabalho. Trazer esses filmes, com essas múltiplas contribuições para a formação da nossa cultura e identidade, com certeza, farão das aulas de história um momento inesquecível e esclarecedor sobre alguns dos esteios que formam o povo do Rio Grande do Sul.

Nas cenas selecionadas do filme *Anahy de las Misiones* (1997), analisamos o cotidiano da mulher que vivia no campo, durante a Guerra dos Farrapos, sem um teto, sem um marido, mas com muita garra e coragem, tirando da própria guerra o sustento da família. É mostrado também, uma forma diferente de ver a população que aqui vivia, pois a família de Anahy vivia como nômade, fora das porteiras das estâncias.

No filme *Netto Perde sua Alma* (2001), podemos eleger como ponto forte do filme a relação dos negros com a Guerra dos Farrapos e para trabalhar com a *Traição de Porongos*. O filme tem um forte apelo ficcional, traz intensas cenas de batalha e uma constante atmosfera de contrição e vingança. Embora seja plausível verificar a presença do mito do herói farroupilha, também é possível encontrar a importância do negro na historiografia rio-grandense.

Por fim trazemos *O Tempo e o Vento* (2012), obra que resume mais de 200 anos da história do estado do Rio Grande do Sul, narrando batalhas, amores, conquistas e disputas familiares. Começando com a guerra guaranítica, que matou centenas de indígenas da tribo guarani, passando por disputas territoriais com os castelhanos e guerras civis que assolaram por décadas o solo gaúcho. No filme, encontramos a história do Rio Grande Sul mesclada com a história de cada indivíduo.

## Considerações finais

A riqueza desses filmes é solo fértil para o professor que deseja se aliar à ficção para sair do ensino tradicional e incorporar novas metodologias às suas aulas.

Nota-se nestas películas, as múltiplas faces da mulher gaúcha que se adapta a situações diversas para suprir as necessidades de seus homens ou de suas famílias, que seja pegando em armas ou em agulhas, mostram sua força tecida em longas noites de angústia e de espera.

Percebemos também a força do índio e do negro, que deram suas vidas para defender uma terra e

um povo e que foram abandonados à própria sorte e, que até hoje, têm suas histórias esquecidas, escondidas e diminuídas, sem espaço no imaginário de um povo que vive numa ciranda de heróis.

Por fim temos a imagem do homem sul-rio-grandense, que nasce, vive e morre para pelear, que na sua indumentária já carrega os traços e ferramentas do combatente. O homem desse período vê na guerra um modo de sair da rotina, mal sabendo ele que a sua rotina é a guerra. Mulher, índio, negro, guerreiro, todos formam o povo dos pampas, esses 'tipos' representados pelos filmes e trabalhados pela história, formam o gaúcho, não o estereótipo, mas sim, os gaúchos de fato.

Ao concluirmos nossa pesquisa afirmamos que podemos contar com o cinema como narrativa histórica, que ao ser trabalhado de forma didática, possibilita desconstruir padrões e criar um pensamento crítico ao identificar a cultura e a real identidade regional do nosso povo. Portanto existe uma produtiva relação entre cinema, educação e história.

## Referências

- BENTO, Cláudio M. A Guerra à Gaúcha. **Revista do CIPEL**, Porto Alegre, p. 127-134, 1996.
- BURKE, P. **O que é História Cultural?** 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CARRION, R. **Os Lanceiros Negros na Revolução Farroupilha**. Porto Alegre: ALRS, 2008.
- CHARTIER, R. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Portugal: DIFEL, 2002.
- CORDEIRO, T. **A Grande Aventura dos Jesuítas no Brasil**. São Paulo: Planeta, 2016.
- FAGUNDES, F. L. A representação do gaúcho nas obras de Átila Sá Siqueira. 2021. Monografia (Graduação) - Curso de História, Centro Universitário da Região da Campanha, Bagé, RS, 2021.
- FLORES, H. A. H. **Sociedade: Preconceitos e Conquistas**. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1989.
- FLORES, M. **A Revolução Farroupilha**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1990.
- MEIRELLES, W.R. **O cinema como fonte para o estudo da História**. 1997. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná, 1997.
- NAPOLITANO, M. **Como usar o Cinema em Sala de Aula**. 2 ed. São Paulo: Contexto. 2005.
- RAMOS, F. (Org). **História do Cinema Brasileiro**. São Paulo: ART Editora, 1987.
- ROSSINI, M. S. Cinema gaúcho: construção de história e de identidade. **Nuevo Mundo, Mundos Nuevos**, online, 2007. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/nuevomundo/3164>>. Acesso em: 08 nov. 2021.
- STEPHANOU, A, A. **Cinema e História: Guia de Filmes**. Porto Alegre: Odisséia, 2010.
- XAVIER, I. **O Discurso Cinematográfico: A opacidade e a transparência**. 11 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.